

**Duas histórias clínicas  
(O “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”)**

**VOLUME X**

(1909)

## ANÁLISE DE UMA FOBIA EM UM MENINO DE CINCO ANOS (1909)

### NOTA DO EDITOR INGLÊS

#### ANALYSE DER PHOBIE EINES FÜNFJÄHRIGEN KNABEN

##### (a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1909 *Jb. psychoanal. psychopath. Forsch.*, 1 (1), 1-109.

1913 *S.K.S.N.*, III, 1-122 (1921), 2ª ed.).

1924 *G.S.*, 8, 129-263.

1932 *Vier Krankengeschichten*, 142-281.

1941 *G. W.*, 7, 243-377.

1922 'Nachschrift zur Analyse des kleinen Hans', *Int. Z. Psychoanal.*, 8 (3), 321.

1924 *G. S.*, 8, 264-5.

1932 *Vier Krankengeschichten*, 282-3.

1940 *G. W.*, 13, 431-2.

##### (b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Analysis of a Phobia in a Fiver-Year-Old Boy'

1925 *C. P.*, 3, 149-287. - 'Postscrip (1922)', *ibid.*, 288-9.

(Trad. de Alix e James Strachey.)

A presente tradução inglesa é reimpressão, com algumas modificações e notas adicionais, da versão inglesa publicada pela primeira vez em 1925.

Alguns registros da primeira parte da vida do pequeno Hans já tinham sido publicados por Freud dois anos antes, em seu artigo sobre 'O Esclarecimento Sexual das Crianças' (1907c). Nas primeiras edições desse artigo, contudo, referia-se ao menino como 'pequeno Herbert'; mas o nome foi mudado para 'pequeno Hans' depois da publicação da presente obra. Este caso clínico também foi mencionado, em breve referência, em outro dos artigos anteriores de Freud, 'Sobre as Teorias Sexuais das Crianças' (1908c), publicado pouco tempo antes do presente artigo. É digno de nota que em sua primeira publicação no *Jahrbuch* este artigo não foi descrito como sendo 'da autoria' de

Freud, mas como 'comunicado por' ele. Em nota de rodapé acrescentada ao oitavo volume dos *Gesammelte Schriften* (1924), o qual continha este caso clínico e os outros quatro longos casos, Freud observa que esse foi publicado com o consentimento expresso do pai do pequeno Hans. Essa nota de rodapé encontra-se no final das 'Notas Preliminares' ao caso de 'Dora' (1905e, ver em [1], 1972). Muitas das mais importantes teorias debatidas no presente caso clínico já foram publicadas no artigo 'Sobre as Teorias Sexuais das Crianças'. Ver Nota do Editor Inglês a esse trabalho, ver em [2], 1976.

A pequena tabela cronológica que se segue, baseada em dados extraídos do caso clínico, pode ajudar o leitor a acompanhar a história:

(1903) (Abril) Nascimento de Hans.

(1906) (*Aet.* 3 - 3 3/4) Primeiros relatos.

(*Aet.* 3 1/4 - 3 1/2) (Verão) Primeira visita a Gmunden.

(*Aet.* 3 1/2) Ameaça de castração.

(*Aet.* 3 1/2) (Outubro) Nascimento de Hanna.

(1907) (*Aet.* 3 3/4) Primeiro sonho.

(*Aet.* 4) Mudança para um novo apartamento.

(*Aet.* 4 1/4 - 4 1/2) (Verão) Segunda visita a Gmunden.

Episódio do cavalo que mordida.

(1908) (*Aet.* 4 3/4) (Janeiro) Episódio da queda do cavalo. Irrupção da fobia.

(*Aet.* 5) (Maio) Fim da análise.

## INTRODUÇÃO

Nas páginas seguintes proponho descrever o curso da doença e o restabelecimento de um paciente bastante jovem. O caso clínico, estritamente falando, não provém de minha própria observação. É verdade que assentei as linhas gerais do tratamento e que numa única ocasião, na qual tive uma conversa com o menino, participei diretamente dele; no entanto, o próprio tratamento foi efetuado pelo pai da criança, sendo a ele que devo meus agradecimentos mais sinceros por me permitir publicar suas observações acerca do caso. Todavia, sua ajuda ultrapassa esta contribuição. Ninguém mais poderia, em minha opinião, ter persuadido a criança a fazer quaisquer declarações como as dela; o conhecimento especial pelo qual ele foi capaz de interpretar as observações feitas por seu filho de cinco anos era indispensável; sem ele as dificuldades técnicas no caminho da aplicação da psicanálise numa criança tão jovem como essa teriam sido incontornáveis. Só porque a autoridade de um pai e a de um médico se uniam numa só pessoa, e porque nela se combinava o carinho afetivo com o interesse científico, é que se pôde, neste único exemplo, aplicar o método em uma utilização para a qual ele próprio não se teria prestado, fossem as coisas diferentes.

O valor peculiar desta observação, contudo, reside nas considerações que se seguem. Quando um médico trata de um neurótico adulto pela psicanálise, o processo que ele realiza de pôr a descoberto as formações psíquicas, camada por camada, capacita-o, afinal, a construir determinadas hipóteses quanto à sexualidade infantil do paciente; e é nos componentes dessa última que ele acredita haver descoberto as forças motivadoras de todos os sintomas neuróticos da vida posterior. Estabeleci essas hipóteses em meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d) e estou ciente de que, a um leitor leigo, elas parecem tão estranhas quanto parecem, para um psicanalista, não ser controvertidas. Mas até mesmo um psicanalista pode confessar seu desejo de ter uma prova mais direta, e menos vaga, desses teoremas fundamentais. Seguramente deve existir a possibilidade de se observar em crianças, em primeira mão e em todo o frescor da vida, os impulsos e desejos sexuais que tão laboriosamente desenterramos nos adultos dentre seus próprios escombros - especialmente se também é crença nossa que eles constituem a propriedade comum de todos os homens, uma parte da constituição humana, e apenas exagerada ou distorcida no caso dos neuróticos.

Tendo em vista essa finalidade, venho por muitos anos encorajando meus alunos e meus amigos a reunir observações da vida sexual das crianças - cuja existência, via de regra, tem sido argutamente desprezada ou deliberadamente negada. Entre os materiais que me chegaram às mãos como resultado desses pedidos, os relatos que recebi em intervalos regulares sobre o pequeno Hans logo começaram a assumir uma posição proeminente. Seus pais estavam ambos entre meus mais chegados adeptos e haviam concordado em que, ao educar seu primeiro filho, não usariam de mais coerção do que a que fosse absolutamente necessária para manter um bom comportamento. E, à medida que a criança se tornava um menininho alegre, bom e vivaz, a experiência de deixá-lo crescer e expressar-se sem intimidações prosseguiu satisfatoriamente. Agora passarei a reproduzir os apontamentos sobre o pequeno Hans feitos por seu pai, tais quais o recebi; também me absterei evidentemente de fazer qualquer tentativa de desvirtuar a *naïveté* e a franqueza da criança, como tal, com a realização de emendas convencionais.

Os primeiros relatórios a respeito de Hans datam de um período em que ele estava para completar três anos de idade. Naquela época, por intermédio de várias observações e perguntas, ele demonstrava um interesse particularmente vivo por aquela parte do seu corpo que ele costumava chamar de seu 'pipi'. Tanto que certa vez perguntou a sua mãe:

*Hans*: 'Mamãe, você também tem um pipi?'

*Mãe*: 'Claro. Por quê?'

*Hans*: 'Nada, eu só estava pensando.'

Como a mesma idade, certa vez entrou num estábulo e viu ordenharem uma vaca. 'Oh, olha!, e está saindo leite do pipi dela!'

Essas primeiras observações já começam a despertar a expectativa de que muita coisa, se não a maior parte, de tudo que o pequeno Hans nos revela, terminará por tornar-se típica do desenvolvimento sexual das crianças em geral. Certa vez expus o ponto de vista de que não havia

necessidade de se ficar tão horrorizado por encontrar numa mulher a idéia de chupar o órgão masculino. Argumentei que esse impulso repelente tem uma origem das mais inocentes, de vez que derivava do ato de sugar o seio materno; e, prosseguindo, nessa conexão o úbere da vaca desempenha papel de importância como imagem intermediária, sendo em sua natureza uma *mamma* e, em sua forma e posição, um pênis. A descoberta do pequeno Hans confirma a última parte da minha asserção.

Entretanto, seu interesse pelos pipis de modo algum era um interesse puramente teórico; como era de esperar, também o impelia a *tocar* em seu membro. Aos três anos e meio, sua mãe o viu tocar com a mão no pênis. Ameaçou-o com as palavras: 'Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. Aí, com o que você vai fazer pipi?'

*Hans*: 'Com meu traseiro.'

Ele deu essa resposta sem ainda possuir qualquer sentimento de culpa. Contudo, foi essa a ocasião da aquisição do 'complexo de castração', cuja presença vemos com tanta frequência obrigados a inferir na análise de neuróticos, ainda que todos eles relutem violentamente em admiti-la. Há muita coisa importante a dizer sobre a significação desse elemento na vida de uma criança. O 'complexo de castração' tem deixado atrás de si vestígios acentuados em mitos (e não somente nos mitos gregos); em uma passagem da minha *Interpretação de Sonhos* [1900a], e em outros trabalhos, abordei o assunto do papel que ele desempenha.

Aproximadamente com a mesma idade (três anos e meio), o pequeno Hans, de pé em frente à jaula dos leões, em Schönbrunn, gritou com voz alegre e animada: 'Eu vi o pipi do leão.'

Boa parcela da importância dos animais nos mitos e contos de fadas se deve ao fato de mostrarem abertamente suas partes genitais e funções sexuais às crianças pequenas e indagadoras. Não pode haver dúvida quanto à curiosidade sexual de Hans; esta, contudo, também despertou nele o espírito de indagação e favoreceu que ele chegasse a um autêntico conhecimento abstrato.

Certa vez, estando na estação ferroviária (tinha três anos e nove meses), viu água saindo de uma locomotiva. 'Olha', disse ele, 'A locomotiva está fazendo pipi. Mas onde está o pipi dela?'

Depois de pequena pausa, acrescentou com alguma reflexão: 'Um cachorro e um cavalo têm pipi; a mesa e a cadeira, não.' Assim tomou consciência de uma característica essencial de diferenciação entre objetos animados e inanimados.

A ânsia por conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual. A curiosidade de Hans orientava-se em particular para seus pais.

*Hans* (três anos e nove meses): 'Papai, você também tem um pipi?'

*Pai*: 'Sim, claro.'

*Hans*: 'Mas nunca vi, quando você tirava a roupa.'

Noutra ocasião, ele estava olhando insistentemente sua mãe despida, antes de ir para a

cama. 'Para que você está olhando para mim desse modo?', ela perguntou.

*Hans:* 'Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.'

*Mãe:* 'Claro. Você não sabia?'

*Hans:* 'Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo.'

Essa expectativa do pequeno Hans merece ser lembrada; ela terá importância mais tarde.

Mas o grande evento na vida de Hans foi o nascimento de sua irmãzinha Hanna, quando ele tinha exatamente três anos e meio. Seu comportamento naquela ocasião foi anotado pelo pai, no ato: 'Às cinco da manhã', escreve, 'começou o trabalho de parto e a cama de Hans foi transferida para o quarto ao lado. Ele acordou às sete horas e, ao ouvir sua mãe gemer, perguntou: "Por que é que a mamãe está tossindo?" E após um intervalo: "A cegonha vai vir hoje, com certeza."

'Naturalmente lhe disseram, muitas vezes, nos últimos dias, que a cegonha ia trazer uma menina ou um menino; e ele, corretamente, fez a conexão dos sons inabituais dos gemidos com a chegada da cegonha.

'Mais tarde ele foi levado para a cozinha. Vendo a maleta do médico no saguão, perguntou: "O que é isto?" "Uma maleta", foi a resposta. Ao que ele declarou com convicção: "A cegonha chega hoje." Depois do nascimento do bebê, a parteira entrou na cozinha e Hans a ouviu pedindo que fizessem chá. Hans, ouvindo, disse: "Eu sei! Mamãe tem que tomar chá porque ela está tossindo." Foi então levado para o quarto da mãe. Contudo, não olhou para ela, mas sim para as bacias e outros recipientes, cheios de sangue e água, que ainda estavam espalhados pelo quarto. Apontando para a comadre suja de sangue, observou, num tom de surpresa: "Mas não sai sangue do *meu* pipi."

'Tudo que ele disse mostra que ele relaciona aquilo que é estranho na situação com a chegada da cegonha. Olha para tudo que vê, com olhar de desconfiança e atento, e *não se pode questionar o fato de que suas primeiras dúvidas sobre a cegonha criaram raízes.*

'Hans tem muitos ciúmes da recém-chegada e, sempre que alguém a elogia, dizendo que é um bebê lindo e assim por diante, ele logo diz, com desprezo: "Mas ela ainda não tem dentes." De fato, ao vê-la pela primeira vez, estava muito surpreso por ser ela incapaz de falar e resolveu para si que isso era devido a sua falta de dentes. Nos primeiros dias ele foi, naturalmente, colocado visivelmente no segundo plano. Adoeceu subitamente com uma forte dor de garganta, e durante a sua febre ouviram-no dizer: "Mas eu não *quero* uma irmãzinha!"

'Uns seis meses mais tarde ele havia superado seu ciúme, e sua afeição fraternal pelo bebê era igualada apenas pelo seu sentimento de superioridade quanto a ela.

'Um pouco mais tarde, Hans observava sua irmã de sete dias, em quem davam banho. "Mas o pipi dela ainda é bem pequenininho", observou; e acrescentou, à guisa de consolo: "Quando ela crescer, ele vai ficar bem maior."

'Com a mesma idade (três anos e nove meses) Hans fez seu primeiro relato de um sonho: "Hoje, quando eu estava dormindo, pensei que estava em Gmunden com Mariedl."

'Mariedl era a filha de treze anos de nosso senhorio e costumava brincar freqüentemente

com ele.'

Quando o pai de Hans contava o sonho a sua mãe, na presença dele, ele o corrigiu dizendo: 'Não foi com Mariedl, mas sim bem a sós com Mariedl.'

Nessa conexão sabemos o seguinte: 'no verão de 1906, Hans estava em Gmunden e costumava andar pelas cercanias, o dia inteiro, com os filhos do senhorio. Ao deixarmos Gmunden, pensamos que ele estaria bastante aborrecido por ter de se afastar e transferir-se de volta à cidade. Para surpresa nossa, não foi o que aconteceu. Ele parecia estar contente com a mudança, e durante várias semanas dizia bem poucas coisas sobre Gmunden. Somente depois de algumas semanas é que começaram a surgir reminiscências - muitas vezes coloridas com vívidos traços - do tempo que passara em Gmunden. Nas quatro últimas semanas, mais ou menos, estivera elaborando em fantasias essas reminiscências. Ele imagina que está brincando com as outras crianças, com Berta, Olga e Fritzl; fala com eles como se realmente estivessem com ele, e é capaz de se entreter dessa maneira, horas a fio, de uma só vez. Agora que ganhou uma irmã e está obviamente ocupado com o problema da origem das crianças, ele sempre chama Berta e Olga de "suas filhas"; certa vez acrescentou: "minhas filhas Berta e Olga também foram trazidas pela cegonha." O sonho, ocorrendo então, depois de uma ausência de seis meses de Gmunden, evidentemente deve ser entendido como expressão do anseio de retornar para lá.'

Até aqui tenho citado seu pai. Antecipei o assunto que vem a seguir, acrescentando que Hans, quando fez sua última observação sobre serem as crianças trazidas pela cegonha, estava contradizendo alto uma dúvida que se insinuava, oculta, dentro de si.

Seu pai fez, por acaso, uma anotação de muitas coisas que mais tarde redundaram em algo de valor inesperado. [Ver a partir de [1]] 'Desenhei uma girafa para Hans, que mais tarde esteve em Shönbrunn diversas vezes. Ele me disse: "Desenhe também o pipi dela." "Desenhe você mesmo", respondi; ao que ele acrescentou essa linha à minha figura (ver Fig. 1).



Fig. 1

Ele começou desenhando um traço pequeno, e então acrescentou mais um pedacinho, observando: "O pipi dela é mais comprido."

'Hans e eu passamos detrás de um cavalo que estava urinando, e ele disse: "O cavalo tem o

pipi embaixo, como eu.”

‘Olhando a irmãzinha de três meses, no banho, disse com voz de compaixão: “Ela *ganhou* um pipi bem pequenininho.”

‘Deram-lhe uma boneca para brincar e ele a despiu. Examinou-a com cuidado e disse: “O pipi dela é tão pequenininho.”

Como já sabemos, essa fórmula possibilitou-lhe continuar acreditando em sua descoberta [da distinção entre objetos animados e inanimados] (ver em [1] e [2]).

Todo investigador corre o risco de incorrer em um erro ocasional. Para ele é alguma consolação se, como o pequeno Hans no exemplo a seguir, não se enganar sozinho, mas puder citar um uso lingüístico comum em seu favor. Isso porque Hans viu, certa vez, um macaco em seu livro de ilustrações, e apontando para o seu rabo enrolado, disse: ‘Papai, olha o pipi dele!’ [Cf. em [1].]

Seu interesse por pipis levou-o a inventar um jogo especial todo próprio. ‘Dando para o saguão de entrada existe um lavatório e também um depósito escuro para guardar madeira. Já faz algum tempo que Hans, entrando nesse armário de madeira, vem dizendo: “Vou para o meu banheiro.” Certa vez olhei ali dentro para ver o que ele estava fazendo no depósito escuro. Ele me mostrou seu membro e disse: “Estou fazendo pipi.” Isso quer dizer que ele tem “brincado” no banheiro. O fato de isso ter a natureza de uma brincadeira revela-se não apenas por ele só estar pretendendo fazer pipi, mas também porque ele não vai ao banheiro, o que, em última análise, seria muitíssimo mais simples, preferindo, contudo, o armário, que ele chama de “seu banheiro”.’

Estaríamos fazendo uma injustiça a Hans se tivéssemos de delinear apenas os aspectos auto-eróticos de sua vida sexual. Seu pai possui informações detalhadas a nos fornecer acerca do tema de suas relações amorosas com outras crianças. Destas podemos discernir a existência de uma ‘escolha de objeto’, como no caso de um adulto; e também, temos de confessar, um notável grau de inconstância e uma disposição à poligamia.

‘No inverno (com três anos e nove meses de idade) levei Hans ao ringue de patinação e o apresentei às duas filhinhas de meu amigo N., as quais tinham cerca de dez anos de idade. Hans sentou-se ao lado delas, ao passo que elas, na consciência de sua idade mais madura, olhavam de cima para aquele garotinho, com desprezo; ele as contemplava com admiração, embora esse procedimento não lhes causasse maior impressão. Apesar disso, Hans, mais tarde, sempre falava delas como “as minhas meninas”. “Onde estão as minhas meninas? Quando vão vir as minhas meninas?” E por algumas semanas ficou atormentando-me com a pergunta: “Quando é que vou voltar ao ringue para ver as minhas meninas?”’

‘Um primo, de cinco anos, veio visitar Hans, que nessa época chegara à idade de quatro anos. Hans constantemente punha os braços ao redor dele, e um dia, quando lhe dava um daqueles ternos abraços, disse: “Eu gosto *tanto* de você.”’

Esse é o primeiro traço de homossexualidade com que nele deparamos, mas não será o último. O pequeno Hans parecer ser um modelo positivo de todos os vícios.



'Tendo Hans quatro anos, mudamos para um novo apartamento. Uma porta dava da cozinha para um balcão, de onde se podia olhar para um apartamento no outro lado do pátio. Nesse apartamento Hans descobriu uma menina de sete ou oito anos de idade. Ele ia sentar-se no degrau que dava para o pátio, de modo a admirá-la e lá ficava horas a fio. Às quatro horas da tarde, particularmente, quando a menina chegava da escola, não se podia retê-lo na sala, e nada era capaz de induzi-lo a abandonar seu posto de observação. Certa vez, quando a menina deixou de aparecer à janela na hora habitual, Hans ficou bastante inquieto, e molestava os empregados com perguntas - "Quando a menina vai vir? Onde está a menina?", e assim por diante. Enfim, quando ela de fato aparecia, ele ficava felicíssimo e jamais retirava os olhos do apartamento do lado oposto ao nosso. A violência com que esse "amor à longa distância" o afetou deve-se explicar pelo fato de ele não ter companheiros de folguedos de qualquer dos dois sexos. Passar boa parte do tempo com outras crianças constitui, claramente, parte do desenvolvimento normal de uma criança.

'Hans conseguiu alguma companhia desse tipo quando, pouco mais tarde (tinha perto de quatro anos e meio), mudamo-nos para Gmunden, para passarmos as férias de verão. Em nossa casa lá, seus companheiros eram os filhos do nosso senhorio: Franzl (cerca de doze anos), Fritzl (oito), Olga (sete) e Berta (cinco). Além deles, havia as filhas do vizinho, Anna (dez) e mais duas outras meninas, de nove e sete anos, cujos nomes esqueci. O favorito de Hans era Fritzl, que ele sempre estava abraçando, e a quem fazia declarações do seu amor. Certa vez, quando lhe perguntaram: "Das meninas, de quem você gosta mais?", ele respondeu: "Fritzl!" Ao mesmo tempo tratava as meninas de forma muitíssimo agressiva, masculina e arrogante, abraçando-as e beijando-as com sinceridade - um procedimento ao qual Berta em particular não fazia objeção. Certa noite, quando Berta saía da sala, ele lhe pôs os braços ao redor do pescoço e lhe disse com voz muito apaixonada: "Berta, você é um amor!" A propósito, isso não o impedia de beijar também os outros e de confessar a eles seu amor. Gostava também de Mariedl, de quatorze anos, outra filha do senhorio que costumava brincar com ele. Uma noite disse, quando lhe punham na cama: "Quero que Mariedl venha dormir comigo." Quando lhe foi dito que isso não podia ser, ele falou: "Então ela vai dormir com a mamãe ou com o papai." Disseram-lhe que também isso seria impossível, mas que Mariedl tinha que dormir com o pai e a mãe dela. Seguiu-se então o seguinte diálogo:

*'Hans:* "Ah, então vou descer e dormir com Mariedl."

*'Mãe:* "Você quer mesmo sair de junto da mamãe e dormir lá embaixo?"

*'Hans:* "Mas subo de novo amanhã de manhã para tomar café e fazer cocô."

*'Mãe:* "Está bem, se você quer mesmo deixar o papai e a mamãe, vá então pegar seu casaco e suas calças e... adeus!"

'Hans, com efeito, pegou suas roupas e se dirigiu para a escada, para ir dormir com Mariedl; mas, é supérfluo dizer, foi buscado de volta.

'(Por trás desse seu desejo, "Quero que Mariedl durma conosco", evidentemente residia um outro desejo: "Eu quero que Mariedl" (com quem ele gostava tanto de estar) "faça parte de nossa

família.” O pai e a mãe de Hans, todavia, tinham o hábito de levá-lo para a cama deles, embora apenas ocasionalmente; e não há dúvida de que estar ao lado deles haja despertado nele sentimentos eróticos; assim é que também seu desejo de dormir com Mariedl tinha um sentido erótico. Deitar na cama com seu pai e sua mãe era, para Hans, uma fonte de sentimentos eróticos, do mesmo modo que para qualquer outra criança.)’

Apesar de seus arroubos de homossexualidade, o pequeno Hans, face ao desafio de sua mãe, portou-se como um homem de verdade.

‘Também no próximo exemplo Hans disse a sua mãe: “Sabe, eu gostaria *tanto* de dormir com a menina.” Esse episódio nos divertiu bastante, pois Hans de fato se comportava como um adulto apaixonado. Assim, nesses últimos dias, uma linda menina, com cerca de oito anos, tem vindo ao restaurante onde fazemos refeições. Naturalmente Hans se apaixonou por ela na mesma hora. Ele fica constantemente se virando na sua cadeira, para lançar a ela olhares furtivos; acabando de comer, vai postar-se nas vizinhanças dela, de modo a flertar com ela; contudo, se acha que está sendo observado, ruboriza-se. Se seus olhares são correspondidos pela menina, ele logo olha para outra direção, com expressão de vergonha. Seu comportamento é, naturalmente, um prazer enorme para qualquer pessoa que esteja comendo no restaurante. Todo dia, quando é levado lá, diz: “Vocês acham que a menina vai lá hoje?” E quando finalmente ela aparece, ele fica bem vermelho, exatamente como uma pessoa adulta ficaria num caso assim. Certo dia, aproximou-se de mim com a face resplandecente e murmurou no meu ouvido: “Papai, eu sei onde a menina mora. Eu a vi subindo as escadas em tal e tal lugar.” Enquanto trata as meninas em casa com agressividade, nesse outro seu caso ele surge no papel de um admirador platônico e lânguido. Isso talvez seja devido ao fato de as outras meninas de casa serem crianças de aldeia, ao passo que a outra é uma jovem dama com refinamento. Conforme já mencionei, certa vez me disse que gostaria de dormir com ela.

‘Não desejando deixar Hans naquele estado extenuado ao qual fora levado por sua paixão pela menina, providenciei que se conhecessem e convidei a menina para vir vê-lo no jardim depois que ele tivesse terminado sua sesta, à tarde. Hans estava tão excitado com a expectativa da vinda da menina, que pela primeira vez não conseguiu dormir de tarde e ficou se revirando na cama, inquieto. Quando sua mãe perguntou “Por que você não está dormindo? Você está pensando na menina?”, ele disse “Sim”, como uma expressão de felicidade. E quando chegou em casa, vindo do restaurante, disse para todo o mundo de casa: “Sabe, a minha menina vem ver-me hoje.” Mariedl, de quatorze anos, relatou que ele ficava repetidamente perguntando a ela: “Olha, você acha que ela vai ser boa para mim? Você acha que ela vai beijar-me, se eu beijá-la?”, e assim por diante.

‘Mas choveu à tarde, de modo que não se deu a visita, e Hans consolou-se com Berta e Olga.’

Outras observações, feitas também na época das férias de verão, sugerem que todas as espécies de novos processos evolutivos estavam ocorrendo no menino.

‘Hans, quatro anos e três meses. Nessa manhã a mãe de Hans lhe deu seu banho diário,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

